

# O verdadeiro papel dos economistas

**RUI LEÃO MARTINHO**

DIRECTOR

Os portugueses interessam-se cada vez mais pela economia. Sobretudo a partir da última intervenção externa, os nossos concidadãos começaram a discutir o crescimento, a dívida, o desemprego ou o défice orçamental. E também se multiplicaram desde então os comentaristas económicos, os chamados especialistas que muitas vezes são somente generalistas sem formação económica e que acabam por passar uma análise não baseada num trabalho de fundo sobre as matérias visadas, mas apenas lugares-comuns que acabam por desiludir as audiências e ignorar a verdadeira ciência económica. O modelo adoptado pelos *media*, e nomeadamente pelas televisões, presta-se pouco a verdadeiras discussões técnicas aprofundadas, privilegiando a confrontação ideológica e a polémica, mesmo que no final fiquem as várias questões por esclarecer devidamente.

No entanto, esta situação leva a uma percepção errada do verdadeiro papel do economista.

Sendo uma profissão com livre acesso, ao contrário de outras, como os médicos ou os advogados, não deixa de ser exigido a quem pretende ter a cédula profissional de economista a necessária habilitação académica e a experiência de profissão. É essa cédula profissional que garante aos vários profissionais desta área serem reconhecidos como economistas e terem a facilidade de serem reconhecidos como tal nos países da União Europeia.

E esta percepção do verdadeiro papel dos economistas na sociedade não é apenas um problema português. Em França, num estudo realizado para o Conselho de Análise Económica (CAE) e intitulado *Les économistes dans la cité*, três economistas bem consagrados (Olivier Blanchard, Jean Tirole e Agnes Benassy-Quere) chegaram à conclusão de que se os inquiridos de opinião regularmente confirmam um marcado interesse pelas questões económicas, os economistas são por vezes olhados com uma certa desconfiança. E isto é consequência não só de erros de previsão ou de empregarem um jargão incompreensível para o grande público, mas também da profusão de comentadores económicos sem a devida preparação, mas promovidos permanentemente pelos *media*.

Assim, como primeiro responsável da Ordem dos Economistas, associação pública profissional, devo insistir com todos os que possuem a necessária habilitação académica, para solicitarem a inscrição como membros efectivos ou estagiários da Ordem dos Economistas, pois as vantagens que daí advirão bem compensam a quota anual de cem euros. Efectivamente, entre essas vantagens, contam-se o reconhecimento profissional como economista, o contacto e permanente troca de experiências com os seus colegas e a participação activa nas várias iniciativas levadas a cabo, as quais bem podem justificar a adesão à Ordem.

E serão exactamente os membros da Ordem dos Economistas que se reunirão já a 12 e 13 de Outubro no seu Congresso Nacional dos Economistas. E durante esse evento, poder-se-á avaliar a capacidade de trabalho profundo dos economistas na preparação e discussão dos temas que marcam a actualidade e vão definir o futuro, encontrar os colegas e com eles debater assuntos vários e confraternizar com oradores, moderadores e convidados.

Os temas de fundo que vão atravessar todo o Congresso serão, mercê das evoluções mundiais dos últimos tempos, as novas formas da globalização, o regresso do protecçãoismo económico e como encontrar as vias que permitam a Portugal registar um crescimento sustentável e um incremento do investimento produtivo.

Este número dos Cadernos de Economia conta com colaborações de muitos especialistas, uma parte deles oradores nos vários painéis que, gentilmente, acederam ao nosso convite e abordam várias temáticas que serão discutidas no Congresso. >>